

O Oceano Maior - Gibran Khalil Gibran

Autor: Gilbran Khalil Gibran

Publicação: Jorge Bandeira



Minha Alma e eu fomos ao grande mar para tomar banho. E quando chegamos à praia, fomos procurar um lugar escondido e solitário. Mas, enquanto caminhávamos, vimos um homem sentado numa grande pedra, tirando pitadas de sal de uma bolsa e atirando-as ao mar. "É o pessimista", disse minha alma. "Afastemo-nos deste lugar. Não podemos banhar-nos aqui". E caminhamos até alcançar uma enseada. Lá vimos, de pé sobre uma rocha branca, um homem que segurava uma caixa cravejada de jóias e dela tirava açúcar, que jogava ao mar. "E este é o otimista", disse minha alma. "Ele também não deve ver nossos corpos nus". Caminhamos mais adiante. E numa praia, vimos um homem apanhando peixes mortos e ternamente tornando a pô-los no mar. "Não podemos banhar-nos diante dele", disse ainda minha alma. "É um que facilmente se compadece, um filantropo compassivo". E passamos adiante. Então chegamos aonde vimos um homem desenhando sua sombra na areia... Vinham grandes ondas e apagavam-na. Mas ele voltava a desenhá-la outra vez, e mais outra vez. "É o místico", disse minha alma. "Deixemo-lo". E seguimos até uma pequena Baía, onde vimos um homem apanhando a espuma do mar e pondo-a num vaso de perfumes. "É o idealista", disse minha alma. "Certamente que não pode ver nossa nudez". E caminhamos. Subitamente, ouvimos uma voz gritando: "Isto é o mar. Isto é o mar profundo. Isto é o vasto e poderoso mar!". E quando chegamos, vimos um homem com as costas voltadas para o mar e com uma concha encostada ao ouvido, escutando-lhe o murmúrio. E minha alma disse: "Passemos. Este é o realista, que vira as costas a tudo que não pode apreender e ocupa-se com um fragmento". E seguimos adiante. E num lugar cheio de relvas e rochas, estava um homem com a cabeça enterrada na areia. E disse à minha alma: "Podemos banhar-nos aqui, pois ele não nos pode ver". "Não", disse minha alma. "Pois este é o mais nocivo de todos. É o puritano". Então uma grande tristeza desceu sobre a face de minha alma, e sobre sua voz. "Vamos embora daqui", disse ela, "pois não há lugar escondido e solitário onde possamos banhar-nos. Não quero que este vento levante minha dourada

cabeleira, nem quero descobrir meu branco seio a este ar, nem deixar que a luz revele minha sagrada nudez". Então, deixamos aquele mar e fomos procurar o Oceano Maior.

Tradução de Mansour Challita .

Manaus, maio de 2005.